

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS - INGLÊS**

DIOGO GUERRO

,

**“ANJO PORNOGRÁFICO E REACIONÁRIO”: UMA LEITURA POLÍTICA DE
CRÔNICAS DE NELSON RODRIGUES**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO – PR

2019

DIOGO GUERRO

**“ANJO PORNOGRÁFICO E REACIONÁRIO”: UMA LEITURA POLÍTICA DE
CRÔNICAS DE NELSON RODRIGUES**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado ao Curso Superior de Licenciatura em Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado.

Orientadora: Prof^a. Ma. Rosangela Aparecida Marquezi.

Coorientador: Prof. Dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier

PATO BRANCO – PR

2019



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Diogo Guerreiro**.

Título: **Anjo pornográfico e reacionário: uma leitura política de crônicas de Nelson Rodrigues.**

Orientadora: **Prof.a. Ma. Rosângela Aparecida Marquezi**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 06 / 12 / 2019, pela comissão julgadora:

Prof. Dr. Pedro Afonso Barth – UTFPR Pato Branco
Presidente da Banca


Prof. Dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier – UFRJ
Coordenador e Membro da Banca Examinadora

Prof.a. Ma. Adriana Santos Auzani – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi

Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês


Rosângela Aparecida Marquezi
SIAPE: 0345672
Coordenadora do Curso de Letras
em Letras Português-Inglês
UTFPR – Câmpus Pato Branco

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho,

Aos meus pais e irmãos, pilares da minha formação como ser humano e que são meus maiores e melhores orientadores na vida.

Aos amigos e aos colegas que comigo trabalham, pela compreensão, apoio e parceria.

E principalmente a minha filha, Luna Beatriz Guerreiro, que me inspira a ser cada dia melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

Ao Professor Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier, pela orientação, paciência, apoio, confiança e relevantes conselhos. Manifesto aqui minha gratidão por, mesmo estando vinculado a outra Universidade, compartilhar sua sabedoria, o seu tempo e a sua experiência.

À Professora Rosangela Aparecida Marquezi, que foi minha catequista, me incentivou e me conduziu nos momentos difíceis, foi paciente e compreensiva, tornando possível a conclusão deste trabalho.

Ao Professor Pedro Afonso Barth, pela admirável disposição, dedicação e pelo profissionalismo em suas cuidadosas observações.

À Professora Adriana Santos Auzani, que também esteve comigo em meu primeiro curso de graduação e contribuiu imensamente na minha formação profissional e pessoal.

À Professora Mirian Ruffini pela doçura e pelo carinho nas suas contribuições.

Eu os admiro profundamente, respeito e os tenho como exemplo profissional e humano.

Estendo meus agradecimentos a todos que contribuíram nesta jornada de formação intelectual e pessoal e que, mesmo sem intenção, me impulsionaram em minhas batalhas.

Sou reacionário sim. Reajo
contra tudo que não presta.

Nelson Rodrigues

RESUMO

GUERRO, Diogo. **“Anjo pornográfico e reacionário”**: uma leitura política de crônicas de Nelson Rodrigues. 2019, 51f. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2019.

O presente trabalho tem por objetivo propor uma leitura de crônicas escritas por Nelson Rodrigues em 1968, buscando apontar como os conceitos de conservador e reacionário podem ser colocados sob suspeição a partir da leitura das mesmas, apontando como o autor se posiciona em um dos momentos políticos mais críticos da história do Brasil. O desenvolvimento do trabalho baseou-se em estudos dos críticos Zuenir Ventura (1988), Elio Gaspari (2002), Alexandre Pianelli Godoy (2012), Luiz Felipe Pondé (2013), Alfonso Berardinelli (2016), entre outros. Ao longo da análise foi possível perceber que Nelson Rodrigues apresenta uma enorme complexidade em suas produções e posicionamentos, principalmente por ter uma personalidade enigmática, e que também pode ser considerado alguém muito acima de ideologias e polarizações, em razão da perspectiva crítica com que constrói seus textos. A investigação aponta para um posicionamento de Nelson Rodrigues como um conservador com vertentes libertárias, pois dentro de seu posicionamento político, o autor se coloca de forma controversa em relação às ideologias denominadas direita e esquerda. O epíteto de reacionário viria então de uma reação a tudo a que Nelson Rodrigues era contrário, e não a um posicionamento ultradireitista, que privilegiaria uma determinada configuração do Estado e das Instituições ligadas ao Regime.

Palavras-chave: Nelson Rodrigues. Crônicas. Reacionário. Política.

ABSTRACT

GUERRO, Diogo. **“Pornographic angel and reactionary”**: a political reading of **Nelson Rodrigues' chronicles**. 2019, 51f. Final Monograph in Language Teaching Portuguese/English – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2019.

The present work aims to propose a reading of chronicles written in 1968, seeking to point out how the concepts of conservative and reactionary can be put in check by reading Nelson Rodrigues's chronicles, pointing out how the author positions himself in one of the most critical political moments in history of Brazil. The development of this work was based on studies of the critics from Zuenir Ventura (1988), Elio Gaspari (2002), Alexandre Pianelli Godoy (2012), Luiz Felipe Pondé (2013), Alfonso Berardinelli (2016), among others. Throughout the analysis it was possible to notice that Nelson Rodrigues presents a huge complexity in his productions and positions, mainly for having an enigmatic personality, and who can also be considered someone far above ideologies and polarizations, because of the way he builds his critiques within his texts. The investigation points to a position of Nelson Rodrigues as a conservative with libertarian strands, because within his political position the author puts himself controversially in relation to the ideologies called right and left. The epithet of reactionary would come then from a reaction to everything that Nelson Rodrigues was opposed to, and not from an ultra-rightist position, which would favor a particular configuration of the State and the institutions linked to its regime.

Key-words: Nelson Rodrigues. Chronicles. Reactionary. Politics.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 NELSON RODRIGUES EM FOCO	11
2.1 CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICO.....	11
2.1.1 Contexto Mundial	11
2.1.2 Contexto Brasileiro	13
2.2 O AUTOR E SUAS OBRAS	17
2.3 EPÍTETOS.....	20
2.3.1 Conservador.....	21
2.3.1.1 Reacionário	24
2.4 AS CRÔNICAS.....	26
3 ANÁLISE	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
ANEXOS	39
ANEXO A	40
ANEXO B	44
ANEXO C	47
ANEXO D	48
ANEXO E	49
ANEXO F.....	50

1 INTRODUÇÃO

“*Anjo pornográfico*”, assim o próprio Nelson Rodrigues denominava-se. Autor polêmico e paradigmático no cenário literário brasileiro, gera ainda hoje discussão nos corredores da academia sobre as suas influências e principais vertentes éticas e estéticas. Acusado de reacionário pela esquerda, Nelson Rodrigues sempre procurou se contrapor às ideias que considerava como padrões estabelecidos. Se por um lado tratava de temas que, propositadamente, incomodavam a sociedade, tais como incesto, homossexualismo, traição e prostituição, por outro questionava o que considerava ser um “*establishment* cultural de esquerda” (GODOY, 2012, p. 213).

Desagradando a gregos e troianos para defender a ideia de que os intelectuais deveriam se expressar livremente, mantendo assim sua individualidade em contraponto aos interesses coletivos, Nelson Rodrigues, com um sarcasmo que é marca de vários de seus textos, seguia deixando claro o seu antiesquerdismo. Para tanto, esse trabalho busca contribuir com a imensa fortuna crítica existente em torno da obra do dramaturgo, uma vez que Nelson Rodrigues é considerado por muitos críticos um autor ligado ao regime ditatorial, e há uma lacuna crítica em tentar olhar a obra cronística do autor sob outra perspectiva, de modo a compreender de maneira um pouco mais analítica o caráter complexo de seus posicionamentos políticos.

Tendo isso em vista, propõe uma leitura de crônicas escritas em 1968, buscando apontar como os conceitos de conservador e reacionário podem ser colocados sob suspeição a partir da leitura das mesmas, apontando como o autor se posiciona num dos momentos políticos mais críticos da história do Brasil. O desenvolvimento do trabalho baseou-se em estudos de críticos como Zuenir Ventura (1988), Elio Gaspari (2002), Luiz Felipe Pondé (2013), Alfonso Berardinelli (2016), entre outros, apresentando Nelson Rodrigues como um literato, alguém muito acima de ideologias e polarizações.

Além disso, intentou-se compreender melhor o posicionamento do autor por meio das crônicas apresentadas e discutir o epíteto de reacionário atribuído ao escritor pelos intelectuais de sua época.

As questões que norteiam o presente trabalho para alcançar os objetivos apresentados acima podem ser apresentadas da seguinte maneira: De que forma, se pode identificar dentro das crônicas citadas relações do autor às questões do conservador? O que há de reacionário em Nelson Rodrigues? Nelson Rodrigues era

um pensador que poderia ser ligado ao pensamento da direita brasileira da década de 1960?

Por fim, compreende-se que pela complexidade que Nelson Rodrigues apresenta como pessoa e como escritor, o presente trabalho se atem apenas às questões supracitadas, considerando que análises mais profundas são necessárias, mas que para isso seria interessante desenvolvê-las dentro de um trabalho de mestrado.

2 NELSON RODRIGUES EM FOCO

Este capítulo apresenta a fundamentação teórica do presente trabalho. O capítulo se subdivide em contexto histórico e político do ano de 1968 no mundo e no Brasil; o autor (Nelson Rodrigues) e as obras (crônicas).

Tendo isso em vista, é preciso compreender que o contexto de produção de um autor reflete direta e indiretamente em suas obras, logo busca-se a partir de crônicas de Nelson Rodrigues escritas em 1968, intituladas como “O ex-covarde” e “Os idiotas da objetividade”, e de livros de história do Brasil abrangendo o aspecto sociopolítico, uma nova leitura política a respeito das crônicas de Nelson Rodrigues. Portanto, o foco é a análise sob a perspectiva política dentro da escrita rodrigueana nas crônicas nominalmente citadas.

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICO

O ano foi de 1968 é visto, segundo Zuenir Ventura (1988), como um período em que o Brasil e o mundo viveram um tempo apaixonado e apaixonante. Segundo o autor, o sociólogo Edgar Morin falou em “êxtase da História”, afirmando que seriam necessários anos e anos para que pudéssemos compreender o que houve (MORIN *apud* VENTURA, 1988, p. 7). Em razão disso, há a importância de apresentar separadamente os contextos históricos e políticos mundial do brasileiro, pois apesar de relacionarem-se entre si, o vasto número de acontecimentos nesses cenários pedem tópicos específicos.

2.1.1 Contexto Mundial

Reconhecido como período em que o mundo passou por inúmeras transformações, sobremaneira no âmbito político, 1968 é considerado um ano-chave para a história. O cientista político e também historiador Charles Tilly afirma que neste ano aconteceu o início de uma onda inédita: nascem os novos movimentos sociais que iriam se desenvolver a partir de então, tais como ecologistas, feministas e de direitos humanos (TILLY *apud* VENTURA, 1988, p. 7).

Os eventos e protestos desvelam uma crise mundial pautada por rebeliões sociais que questionavam a ordem dominante e atingiram vários países. Ventura

(1988) afirma que, o renomado sociólogo e comentarista Raymond Aron chegou a assustar-se com a “demência coletiva” daquele deste momento histórico, admitindo mais tarde que aquele “psicodrama coletivo” mudara a França (ARON *apud* VENTURA, 1988, p. 7). Na Alemanha, o filósofo Jürgen Habermas, membro da Escola de Frankfurt que dedicou sua vida ao estudo da democracia e é considerado um dos mais importantes intelectuais contemporâneos, chamou os jovens violentos de 1968 de “fascistas de esquerda” (HABERMAS *apud* VENTURA, 1988, p. 7).

Em maio de 1968, na Itália, os estudantes universitários iniciaram revoltas e ocuparam universidades, em seguida passaram para os movimentos de passeatas e reivindicações nas ruas e nas fábricas, lutando por um mundo mais justo e levando ao confronto com policiais. Em junho do mesmo ano, em razão do ocorrido, o cineasta italiano Pier Paolo Pasolini¹ (1968) publicou um texto criticando os estudantes que haviam entrado em confronto com a polícia em Roma. Ele repudiava na revolta estudantil a ignorância e a arrogância:

Agora os jornalistas do mundo todo (inclusive os dos canais da televisão) ficam lambendo (como se diz na linguagem do baixo clero universitário) a bunda de vocês. Eu não, queridos! Vocês têm cara de filhinhos de papai. Odeio vocês tanto quanto odeio seus pais [...]. Vocês têm o mesmo olhar maligno. São medrosos, hesitantes, desesperados, mas sabem também ser prepotentes, chantagistas, convencidos, descarados [...]. Ontem, quando vocês lutavam com os policiais em Valle Giulia, eu me identificava com os policiais. Porque os policiais são filhos de gente pobre [...]. (PASOLINI, 1968, s/p).

O escritor, filósofo e linguista Umberto Eco, segundo Ventura (1988, p. 7), também forneceu uma pista no sentido de possibilitar uma compreensão a respeito daquele ano-chave: “Pode-se processá-lo, analisá-lo, condená-lo, mas não cancelá-lo como um fenômeno de loucura.”; Ventura (1988, p. 7) postula que, seria o caso de complementar a fala do escritor, acrescentando então que: “pode-se exaltá-lo, romantizá-lo, contanto que não se tente sacralizá-lo como um momento de inspiração divina da História”. O autor ainda afirma que a geração de 1968 experimentou os limites de todos os horizontes: políticos, sexuais, comportamentais, existenciais e,

¹AZEVEDO, Reinaldo. **À moda Elio Gaspari, um e-mail do além: de Pasolini para Duvivier**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/reinaldoazevedo/2016/09/1811548-a-moda-elio-gaspari-um-e-mail-do-alem-de-pasolini-para-duvivier.shtml>. Acesso em: 10 nov. 2019.
 Texto original de Pasolini – PASOLINI, Pier Paolo. **Il Pci ai giovani**. L' Espresso – Temi Rpubblica. Disponível em: http://temi.repubblica.it/espresso-il68/1968/06/16/il-pci-ai-giovani/?printpage=undefined&refresh_ce. Acesso em: 10 nov. 2019.

mesmo que haja muito que rejeitar dessa geração, como por exemplo o messianismo revolucionário, a onipotência e o maniqueísmo, certamente há muito o que recuperar de sua experiência.

2.1.2 Contexto Brasileiro

No que diz respeito ao Brasil, 1968 é o ano que muda a vida dos brasileiros de maneira decisiva. Com efeito, é necessário conhecer os principais acontecimentos e eventos desse período, para então compreender a produção literária que se relaciona com essa fase da história brasileira.

Ventura (1988) aponta que a geração de 1968 foi uma geração que ambicionou muitas revoluções, mas que como resultado de suas reviravoltas apresentou ‘apenas’ um levante cultural, e que em razão disso, 68 traz ainda muitas heranças para o Brasil como se conhece hoje.

Enquanto o mundo vivia uma transformação geral, em que se enfrentavam diferenças com guerras rebentando por todos os lados, o Brasil também vivia a sua própria; civis e políticos se desafiavam, e o intermediário era a força bruta dos militares. Esse período decisivo a nível mundial pode ser descrito da seguinte forma:

No memorável ano de 1968 o mundo foi varrido pela última tempestade da Era de Aquarius. Não houve governante que por ela não fosse afetado, como não houve país onde não fosse sentida. Quando o presidente fez o seu prognóstico, o vietcongue já havia desencadeado a ofensiva do Tet e destruído a credibilidade da guerra dentro dos Estados Unidos. Na Tchecoslováquia o dirigente comunista Antonín Novotný perdera o poder para Alexander Dubcek, iniciando-se uma época de liberalização denominada Primavera de Praga. Na França, Japão, Polônia, Inglaterra e Itália, jovens estavam nas ruas pedindo paz, amor e liberdade. Um conselho circulava pelo mundo: “Não confie em ninguém com mais de trinta anos”. E nessa hora o Brasil estava na mão do marechal Arthur da Costa e Silva, o Português, o Seu Arthur. (VENTURA, 1988, p. 271-272).

Por essas e tantas outras questões, Ventura também afirma que “68 ainda povoa o nosso imaginário coletivo, mas não como objeto de reflexão” (VENTURA, 1988, p. 7), e por esta afirmação é que 1968 passa nesta pesquisa a ser objeto de reflexão, bem como os autores e suas obras vindas dessa conturbada (des)construção brasileira.

Esse ano caótico tem fatos bem demarcados que fazem todo o resto partir deles para a composição do imaginário citado por Ventura. Destacam-se pontualmente as

inúmeras manifestações, que tiveram como ponto de partida a morte do estudante de dezessete anos Edson Luis de Lima Souto, um ‘calaboçal’², por um PM, o jovem era migrante nortista pobre e secundarista que não tinha qualquer militância política, era apenas um estudante que buscava um lugar barato e acessível para suas refeições.

Então se iniciam revoltas e perturbações da ordem, tais como: A ALN³ (Ação Libertadora Nacional) explode bomba no consulado americano em São Paulo e comete assalto em vagões paulistas; inicia-se a onda de greves pelo país; o governador Abreu Sodré é apedrejado em comício; a VPR (Vanguarda Popular Revolucionária)⁴ explode bomba no Quartel do II Exército matando um soldado, e comete também o assassinato do capitão americano Charles Chandler; iniciam-se os atentados e depredações em teatros e espancamento de atores, em especial atacou-se a peça Roda-Viva e o teatro Opinião foi destruído; notícias de torturas se espalham pelo país com um total de 85 denúncias; 920 estudantes presos no Congresso da UNE⁵; oficiais do CIE (Centro de Informações do Exército) explodem bomba na Editora Civilização Brasileira; 12 manifestantes morrem nas ruas; terrorismo mata 6 militantes e 2 civis; ocorrem 21 assaltos a bancos; acontece a passeata dos Cem Mil; instaura-se o AI-5 censurando a imprensa e prendendo centenas de pessoas, inclusive Juscelino Kubitschek, Carlos Lacerda, Caetano Veloso e Gilberto Gil; Geraldo Vandré é obrigado a exilar-se.

Por todos os acontecimentos citados, e tantos outros impossíveis de serem detalhados neste trabalho, compreende-se a necessidade de iluminar a vasta obscuridade que plaina sobre o imaginário deste ano tão conturbado. Para tanto, alguns desses episódios serão narrados a seguir.

A passeata dos Cem Mil ilustra claramente o descontentamento do povo com o governo, que ao que define o Memorial da Democracia (2019), “marcou o ápice da reação da sociedade contra o regime, a censura, a violência e a repressão às liberdades. Mais uma vez, a ditadura iria reagir endurecendo o regime, como se veria no final de 1968.”, pois foi um movimento que se iniciou no período da manhã do dia 26 de junho no Rio de Janeiro que ocupava toda a avenida Rio Branco, constituído de

²Nome dado aos jovens que costumavam comer no restaurante Calabouço em razão do seu baixo valor cobrado por sua comida insípida.

³Facção revolucionária comunista que atuou no Brasil durante o período do regime militar. Realizavam assaltos, sequestros e ações terroristas com vistas à tomada do poder no país.

⁴Movimento de guerrilha que atuou durante a ditadura visando a instalação de um governo socialista.

⁵ União Nacional dos Estudantes.

estudantes, artistas, religiosos e intelectuais em um total de 50 mil pessoas, mas que uma hora após a sua formação dobrara o número de manifestantes. O que tornou o movimento um dos maiores em manifestação de protesto ao governo.

A passeata foi tão expressiva que, mesmo após a proibição por parte do governo sobre a sua realização, ocorreu gigante e desamedrontada, o que levou a uma não repressão e um recuo por parte do governo naquele momento pelo iminente banho de sangue. Os militantes caminhavam por entre faixas de “Abaixo a ditadura” e brados de “Libertem nossos presos”, que mobilizaram até comerciantes a abrirem suas lojas e não temerem a passeata, em resultado, criou-se uma comissão que representava a sociedade civil em um diálogo com Costa e Silva, pedindo, entre tantas coisas, a libertação dos estudantes até então presos. Apesar do diálogo, não houve acordo, e infelizmente, o auge das reivindicações e manifestações havia passado após a passeata. No fim daquele ano, o governo de Costa e Silva trouxe enfim a sua resposta como, segundo a visão do governo, uma medida de emergência a agressores armados que já haviam realizado dezenas de atentados a bomba, ferindo e matando militares e civis: o AI-5 (Ato Institucional nº 5); ao invés de investigar e punir os criminosos um a um, pelos delitos que cometeram individualmente, o governo resolver instituir uma punição coletiva.

Helio Gaspari em sua *A ditadura envergonhada* (2002) relembra que foi em 1968 que AI-5 permitiu a consolidação mais fria e dura da realidade do autoritarismo, caracterizando, segundo o autor, um regime escancaradamente ditatorial. Segundo o autor, o AI-5 ultrapassava muito a essência ditatorial presente até aquele momento, o presidente da República passou a ter autoridade para mudar tudo que lhe fosse conveniente a seu bel prazer e vontade: o congresso estava fechado, a imprensa controlada e a classe média pagava pelas escolhas que havia feito ao aplaudir e abençoar o governo em 1964. O que antes era sonho ilustrado pela Marcha da Família, uma das maiores manifestações populares de toda a nossa história e resposta ao que foi considerado uma ameaça comunista, tornara-se em 1968 o pesadelo de milhares de pessoas. A manifestação entrou para a história:

A guinada dividira o país. O conservadorismo paulista respondera ao comício do dia 13 com uma Marcha da Família com Deus pela Liberdade em que se reuniram perto de 200 mil pessoas com faixas ameaçadoras (“Tá chegando a hora de Jango ir embora”) e divertidas (“Vermelho bom, só batom”). O Congresso, com maioria conservadora, mostrava-se disposto a bloquear os projetos de reforma e a cozinhar o surto esquerdista até o ano seguinte. (VENTURA, 1988, p. 48)

Pelo que aponta o autor, é possível ver a exacerbação criada pela classe média em 1964 em torno do governo, o que vem de encontro ao que postulava o AI-5 quando essa mesma classe passa a sofrer as consequências do poder ditatorial que se instalou e se proliferou com o AI-5:

Baixado o AI-5, “partiu-se para a ignorância”. Com o Congresso fechado, a imprensa controlada e a classe média de joelhos pelas travessuras de 1968, o regime bifurcou a sua ação política. Um pedaço, predominante e visível, foi trabalhar a construção da ordem ditatorial. Outro, subterrâneo, que Delfim Netto chamava de “a tigrada” foi destruir a esquerda. Faziam parte do mesmo processo, e o primeiro acreditava que o segundo seria seu disciplinado caudatário. Desde 1964, a máquina de repressão exigia liberdade de ação. Com o AI-5, ela a teve e foi à caça. (VENTURA, 1988, p. 351)

Para compreender melhor o AI-5, além do olhar de Ventura (1988), é preciso conhecer esse Ato Institucional. É possível notar que, o autor se refere a ‘partir para a ignorância’ estabelecendo conexão com as questões determinadas pela referida lei, como o fato de que:

[...]O Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, e dá outras providências. (BRASIL, 1968)

Ou seja, todos os brasileiros ficaram à mercê das pressões que o governo exercia sobre o povo, forma pela qual o governo encontra de estabelecer a hierarquia e o poder. Além disso, o ato ainda previa e assegurava os mandos e desmandos de Costa e Silva, como exemplo o Art. 5º, que institui:

A suspensão dos direitos políticos, com base neste Ato, importa, simultaneamente, em: (Vide Ato Institucional nº 6, de 1969)

- I - cessação de privilégio de foro por prerrogativa de função;
- II - suspensão do direito de votar e de ser votado nas eleições sindicais;
- III - proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de natureza política;
- IV - aplicação, quando necessária, das seguintes medidas de segurança:
 - a) liberdade vigiada;
 - b) proibição de freqüentar determinados lugares;
 - c) domicílio determinado,

§ 1º - O ato que decretar a suspensão dos direitos políticos poderá fixar restrições ou proibições relativamente ao exercício de quaisquer outros direitos públicos ou privados. (BRASIL, 1968)

Com isso, é perceptível como a lei instaura poder para aqueles que governavam, sem que o povo pudesse questioná-los, pois caso o fizessem, tanto seus direitos públicos quanto privados estariam em risco. São medidas tomadas para

garantir o andamento da administração que conviesse com os interesses de Costa e Silva. E não somente isso, mas também certificar de que os atos não pudessem ser questionados ou mesmo julgados, o AI-5 também determina que:

Art. 10 - Fica suspensa a garantia de habeas corpus, nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e social e a economia popular.

Art. 11 - Excluem-se de qualquer apreciação judicial todos os atos praticados de acordo com este Ato institucional e seus Atos Complementares, bem como os respectivos efeitos.

Isto é, além de assegurar a supremacia do governo, assegurava-se também para que não houvesse saídas ou recursos para aqueles que discordavam.

2.2 O AUTOR E SUAS OBRAS

Nelson Rodrigues é certamente alguém notável e ímpar. Segundo Luiz Felipe Pondé o autor já referido pode ser descrito da seguinte forma:

Filósofo, sociólogo, teólogo, cientista político, além de dramaturgo, jornalista e escritor de romances, Nelson merece constar na lista dos pensadores brasileiros mais originais. Mas essas são razões, digamos, “exteriores”. Mais importante do que isso, Nelson fala do que não queremos saber acerca da alma humana, e nesse sentido ele é um moralista no sentido mais preciso. Em filosofia, moralista significa alguém que disseca a alma. (PONDE, 2013, p.14).

A forma com que Nelson Rodrigues disseca as personagens torna a sua escrita singular, por retratar o lado obscuro da alma humana que ninguém quer olhar. Esse olhar peculiar de Nelson Rodrigues está muito ligado com os acontecimentos da própria vida do dramaturgo, pois conforme também afirma o escritor e biógrafo Ruy Castro em sua obra *O anjo pornográfico* (1992), a vida de Nelson Rodrigues foi, realmente, tão espantosa e polêmica quanto as histórias que ele escrevia. Nascido no Recife em 1912, mudou-se aos 3 anos para o Rio de Janeiro, mais especificamente para a Rua Alegre, a qual Nelson Rodrigues utilizaria como inspiração para suas futuras peças, romances, contos, crônicas e, inclusive, para um concurso de redação na classe, aos oito anos de idade, no segundo ano primário.

Um dia, sua professora, dona Amália, solicitou que cada aluno discorresse sobre o tema que quisesse e a melhor redação seria lida em voz alta na classe. Os

textos foram escritos e entregues no mesmo período de aula. Castro (1992, p. 24) destaca que:

Aos oito anos, no segundo ano primário, aconteceu a história que depois se tornaria uma de suas favoritas: a do concurso de redação na classe. Um dia, dona Amália anunciou que, em vez de escrever sobre imagens que ela lhes mostrava (geralmente gravuras de animais domésticos, como vacas ou pintos), cada aluno iria discorrer sobre o tema que quisesse. A melhor redação seria lida em voz alta na classe. As composições foram escritas e entregues no mesmo turno de aula.

Dona Amália passou os olhos sobre as folhas de caderno, quase caíram-lhe os óculos ao ler uma delas e, por via das dúvidas, selecionou duas vencedoras e não uma. A primeira, de um garoto chamado Frederico, cujo sobrenome não passou à História, contava o passeio de um rajá no seu elefante. A outra – a de Nelson – era uma história de adultério. Um marido chega de surpresa em casa, entra no quarto, vê a mulher nua na cama e o vulto de um homem pulando pela janela e sumindo na madrugada. O marido pega uma faca e liquida a mulher. Depois ajoelha-se e pede perdão. (CASTRO, 1992, p. 24).

Segundo Castro (1992), quando a professora recebeu e leu a redação de Nelson Rodrigues, dona Amália tirou os óculos e observou-o como se estivesse diante de alguém diferente, uma pessoa com a qual nunca havia tido contato anteriormente; chamou as outras professoras, que leram, e assim todas foram em comitiva à sala de dona Amália e ficaram olhando para Nelson Rodrigues. A redação que Nelson Rodrigues escreveu não tinha como não ser premiada, mas não poderia ser lida em classe; então se premiou também a do rajá no elefante e só esta foi lida em voz alta perante a classe de primário.

A opção pelo adultério desnuda a realidade vivida por Nelson Rodrigues: não há criança de subúrbio que não tenha tido algum tipo de contato com um caso desses sem se impressionar. Histórias como aquela, mesmo que com desfechos menos trágicos, eram frequentes na Rua Alegre. O que chama a atenção é o fato de Nelson Rodrigues, aos 8 anos de idade, ter se atrevido a colocá-la em palavras em uma redação escolar.

Depois de quatro anos nessa mesma escola, Nelson Rodrigues cursou o quinto ano primário em outro local, o Colégio Joaquim Nabuco, do qual foi expulso na metade do curso ginásial por uma justificativa que hoje soa ridícula: rebeldia. Nelson Rodrigues vivia contestando seus professores, principalmente os de História e Português, insistindo para que eles justificassem os seus pontos de vista sobre os assuntos de que falavam, querendo dar os seus próprios palpites sobre os mais diversos conteúdos.

Aos 13 anos de idade Nelson Rodrigues convenceu seu pai a deixá-lo trabalhar como repórter de polícia em seu jornal “A Manhã”, recebendo um salário de trinta mil réis por mês. Aos 16 anos incompletos, fora promovido para cobiçada página três: a dos editorialistas, onde seu pai e nomes como Monteiro Lobato e Agripino Greco assinavam artigos. A partir daí, Nelson Rodrigues passaria a escrever artigos assinados, uma vez por semana.

No ano de 1929, algo terrível marcaria Nelson Rodrigues para sempre: o assassinato de seu irmão, o ilustrador e pintor Roberto Rodrigues, em plena redação do jornal *Crítica*, fundado por seu pai após deixar o jornal *A Manhã*. Essa e tantas outras tragédias que Nelson Rodrigues viveu transformaram-se em inspiração para sua escrita; poucos acompanharam de perto o processo de viver a dor e metamorfoseá-la em peças de teatro, crônicas, romances, ensaios e artigos de jornais.

Algumas das pessoas que acompanharam e o conheceram estão presentes no documentário *Ocupação Nelson Rodrigues*⁶, no qual é possível observar uma série de importantes nomes do cenário contemporâneo brasileiro que tiveram esse contato com o autor e sua obra, e que, emitem opiniões acerca disso. Destes, cabe destacar alguns, como Arnaldo Jabor (2012), cineasta e cronista que conheceu e conviveu com Nelson Rodrigues por alguns anos, e afirma que:

Os artigos sobre o Brasil têm uma capacidade descritiva extraordinária. (...) O Nelson tem uma capacidade de adjetivação, de construção da frase maravilhosa. Contrariamente ao que pensam, é um profundo analista crítico da realidade brasileira no comportamento. (...) o Nelson é tão bom ou melhor do que o próprio Eça de Queiroz ou que o Machado de Assis em alguns jornais que ele escreveu. Ele tem uma pegada do cotidiano, da linguagem simples, da linguagem fácil propositadamente pobre que é genial. Ele era contra a linguagem artística petulante e romântica, onírica demais. O Nelson buscava metáforas muito óbvias, metáforas todas concretas e, portanto, irônicas... ele via poesia nos fatos como Oswald de Andrade dizia. (...) Ele gostava muito do povo e da verdade que ele via nas pessoas, populares, suburbanos... ele relatou o subúrbio carioca muito bem.

Os comportamentos que o Nelson mostrava eram os comportamentos preconceituosos, atrasados, ignorantes, bobos... e que no entanto fazia poesia da bobagem, a poesia do óbvio. (...) Ele retratava aquilo que os escritores desprezavam, retratava o detalhe, às vezes até ridículo das coisas... o Nelson encontrava poesia nas coisas ridículas. (...) Exceto as

⁶O projeto *Ocupação Nelson Rodrigues* foi criado pelo Itaú Cultural para “fomentar o diálogo da nova geração de artistas como os criadores que os influenciaram.”, e neste projeto há vídeos com a participação de vários autores que comentam sobre outros artistas, neste caso os vídeos referenciados são sobre Nelson Rodrigues e suas obras, produzidos no ano de 2012 na 13ª edição do projeto. Portanto, em razão disso os autores que falam sobre Nelson Rodrigues serão referenciados com seus nomes e apenas de acordo com o ano de produção dos vídeos de que participam 2012. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nelson-rodrigues/>. Acesso em: 20 out. 2019.

peças que as pessoas sempre sabiam que eram geniais, o Nelson nunca pertenceu muito ao Panteon óbvio da boa literatura brasileira, ele sempre ficou um pouquinho de lado – na parte de prosa ele era considerado um pouco chulo... talvez até um pouco superficial; e nunca perceberam que a superficialidade dele era buscada e a profundidade estava nisso. Nelson dizia: “Esses escritores brasileiros, o problema deles é que eles não sabem nem bater um escanteio.”. Essa frase é genial” (...) Na época havia um patrulhismo político muito grande, o Nelson Rodrigues era considerado um reacionário, uma pessoa a favor da ditadura... e não é verdade! O Nelson elogiava o Médice no jornal pra ver se soltavam o Nelsinho Rodrigues que estava preso há 5 anos. (...) Quando ele um dramaturgo muito acima dessa coisa ideológica.⁷

Segundo Jabor, a importância de Nelson Rodrigues está na captação que ele tinha da vida da classe média urbana brasileira, principalmente a carioca. O cineasta afirma que Nelson Rodrigues desvendou um mundo de preconceitos, de bobagens, de mitologias de classe média que nunca ninguém tinha feito de maneira focada como Nelson Rodrigues fez, percebendo que na obviedade havia uma riqueza muito grande de comportamentos que ficavam ocultos.

Fátima Antunes (2012), mestre e doutora em sociologia pela USP, no mesmo documentário mencionado acima, postula que Nelson Rodrigues, na verdade, é um “literato trabalhando nos jornais”. Segundo ela, Nelson Rodrigues define um sentimento de inferioridade no brasileiro chamado complexo de vira-lata: o brasileiro se sentiria inferior por ser uma mistura de raças, e não um tipo puro. Aos poucos ele vai mostrando no desenrolar das crônicas que esse defeito, na realidade, seria uma qualidade; ele mostra o valor desse tipo híbrido. A socióloga afirma que a grande mensagem dele em suas crônicas é que o brasileiro deveria acreditar em si mesmo, no seu potencial para superar todas as dificuldades.

Antonio Cadengue (2012), diretor e teórico que se destaca na produção cênica nordestina, afirma que Nelson Rodrigues escreve de modo extremamente crítico utilizando-se de elipses, paráfrases e figuras de linguagem. Segundo o teórico, Nelson Rodrigues incomoda duas culturas: a das margens e a oficial, ele não quer agradar nem A e nem B, caracterizando-se como uma “gauche na vida”.

2.3 EPÍTETOS

Nelson Rodrigues durante a sua vida recebeu algumas atribuições e caracterizações, principalmente, dos intelectuais da época. Das principais atribuições

⁷Transcrição livre de áudio da fala de Jabor (2012), feita pelo autor do presente trabalho.

dadas a Nelson Rodrigues, as que mais se relacionam com os seus textos são as de conservador e de reacionário. Portanto, para analisar suas crônicas de forma precisa e clara é necessário compreender o que significam esses conceitos.

2.3.1 Conservador

O conceito de conservadorismo, segundo o dicionário *The Palgrave Macmillan Dictionary of Political Thought*⁸ (SCRUTON, 2007, p. 131), pode ser definido da seguinte forma: uma perspectiva social e política que introduz o desejo de conservar as coisas já existentes, que podem ser consideradas boas ou melhores do que as novas alternativas, ou ainda, a considerar como segura, familiar, confiável e/ou objeto de afeto.

Roger Scruton (2007) afirma que o conservadorismo é constituído de 3 partes: atitude em relação a sociedade, uma idealização do governo, e práticas políticas. Apesar de que essas questões são apresentadas separadamente dentro da conceituação, na práxis elas são indissociáveis.

Todavia, algumas questões são bem definidas e diferenciadas para autores como Friedrich Hayek (2016), o qual cita a diferença entre conservadorismo genuíno e neoconservadorismo. Para ele, a grande distinção está nas vertentes que norteiam ambos, pois enquanto conservadores genuínos defendem a liberdade e a não intervenção do Estado na vida do indivíduo para dizer-lhes como viver e que regras seguir, os neoconservadoristas estariam muito mais ligados à defesa do intervencionismo. Esse grande contraste, para o autor, é problemático, principalmente ao que está relacionado às ações práticas dos 'ditos' conservadores.

Hayek (2016) ainda faz uma distinção entre o conservadorismo genuíno e o liberalismo, para que não haja confusão com o seguimento que cada vertente toma. Para o autor:

(...) chegamos ao primeiro ponto no qual as atitudes liberais e conservadoras diferem radicalmente. Como muitas vezes os escritores conservadores reconheceram, uma das principais características da atitude conservadora é o medo da mudança, uma desconfiança tímida em relação ao novo enquanto tal, ao passo que a posição liberal se baseia na coragem e na confiança, na disposição de permitir que as transformações sigam seu curso, mesmo quando não podemos prever aonde nos levarão. (...) para o liberal, os ideais morais, bem como os ideais religiosos, não podem ser objeto de coerção, enquanto conservadores e socialistas não reconhecem esses limites. Às vezes, penso que o atributo mais marcante do liberalismo, que o distingue

⁸Conceitos com tradução livre feita pelo autor do presente trabalho.

tanto do conservadorismo quanto do socialismo, é a ideia de que convicções morais quanto a questões de conduta — que não interferem diretamente com a esfera individual protegida pela lei — não justificam a coerção dos demais. (Hayek, 2016, s/p)⁹.

Portanto, pode-se afirmar que os liberais defendem a posição libertária em todos os aspectos da vida do cidadão, ao passo que o conservador terá ressalvas, apontando que há aspectos que deveriam sofrer determinadas limitações com base nos valores que consideram familiares e dos conceitos religiosos.

Roger Scruton (2017) aponta para um aspecto interessante ao enunciar as questões constituintes da conduta do conservador. Segundo o autor, os três pontos: atitude em relação à sociedade, uma idealização do governo e práticas políticas estão diretamente ligados aos valores das tradições religiosas¹⁰, pois nessa visão, para governar também seria necessário ter esses conceitos alinhados e ter essa idealização de como um governo deve ser construído, visando os valores familiares e religiosos como âncora moral de atuação. Tendo em vista que, a partir disso, precisaria se compreender que a sociedade como um todo teria maior importância nessa construção de valores em detrimento da constituição do indivíduo em sua particularidade, que teria como objetivo um bem maior: estabelecer um padrão moral, que ‘resultaria’ em uma boa ordem social e política. Porém essa visão é muito criticada, como demonstra o autor¹¹:

Conservadorismo é geralmente criticado como a ideologia da dominação de classe, e como prática política que garante que aqueles que atualmente estão no poder continuem estando, enquanto extraem de forma enganosa e espúria o consentimento para tal das classes que são sujeitos, e vítimas de suas regras. Geralmente é um conceito defendido [pelos conservadores] como um tipo genuíno e indiscutível de democracia, como uma forma de governo que respeita a natureza humana, e que responde a real necessidade humana de ordem, hierarquia, liberdade e coisas permanentes.¹² (SCRUTON, 2017, p. 132 – tradução livre com inserção do pesquisador).

⁹Texto original: “This brings me to the first point on which the conservative and the liberal dispositions differ radically. As has often been acknowledged by conservative writers, one of the fundamental traits of the conservative attitude is a fear of change, a timid distrust of the new as such, while the liberal position is based on courage and confidence, on a preparedness to let change run its course even if we cannot predict where it will lead. (...) to the liberal neither moral nor religious ideals are proper objects of coercion, while both conservatives and socialists recognize no such limits. I sometimes feel that the most conspicuous attribute of liberalism that distinguishes it as much from conservatism as from socialism is the view that moral beliefs concerning matters of conduct which do not directly interfere with the protected sphere of other persons do not justify coercion.”. (HAYEK, 2011, s/p). Disponível em: https://www.press.uchicago.edu/books/excerpt/2011/hayek_constitution.html. Acesso em 25 nov. 2019.

¹⁰O autor compreende como tradições religiosas a fé professada como cristã.

¹¹Conceito apresentado com tradução livre do pesquisador.

¹²Texto original: Conservatism is usually criticized as the *ideology of class domination, and as the political practice which ensures that those presently holding power will continue to do so, while extracting

Ou seja, para o conservador, a ordem social firmada em uma base moral é algo imprescindível, de modo que, para obtê-la, ele não se opõe a ação que o governo julgue necessária para que ela se mantenha. Na visão do conservador, manter a ordem seria uma forma de dar continuidade a uma cultura ou a uma crença por ele consideradas como alta cultura¹³, que resultaria apenas de uma estabilidade social e política, ligadas às bases morais. Hayek (2011) afirma que:

Em termos gerais, poderíamos afirmar que o conservador não se opõe à coerção ou ao poder arbitrário, desde que utilizados para fins que ele julga válidos. Ele acredita que, se o governo for confiado a homens probos, não deve ser limitado por normas demasiado rígidas. Como se trata de indivíduo essencialmente oportunista e desprovido de princípios, ele espera que os bons e os sábios governem, não meramente pelo exemplo, como todos queremos, mas por uma autoridade a eles conferida e por eles exercida.

[...]

Quando digo que o conservador carece de princípios, não quero com isso afirmar que ele careça de convicção moral. O conservador típico é, de fato, geralmente um homem de convicções morais muito fortes. O que quero dizer é que ele não tem princípios políticos que lhe permitam promover, junto com pessoas cujos valores morais divergem dos seus, uma ordem política na qual todos possam seguir suas convicções. É o reconhecimento desses princípios o que possibilita a coexistência de diferentes sistemas de valores, a qual, por sua vez, permite construir uma sociedade pacífica, com um emprego mínimo da força. Sua aceitação significa que podemos tolerar muitas situações com as quais não concordamos.¹⁴ (HAYEK, 2011, s/p).

a spurious and deceived consent from the classes that are subject to, and victims of, their rule. It is usually defended as a genuine and undeceived kind of democracy, the form of government that respects human nature, and answers to the real human need for order, hierarchy, freedom and the *Permanent Things. (SCRUTON, 2017, p. 132).

¹³Compreende-se pelo apontado pelos autores Hayek (2011) e Scruton (2017) que essas crenças e as questões culturais estariam diretamente ligados aos valores da elite, em que ambos diferenciam entre alta cultura (conceitos com base em alta escolarização e cientificismo em que apenas um pequeno círculo social compartilha de determinados saberes) e cultura comum (quando há familiaridades e generalizações disseminada a todos, com conceitos em que não tem necessariamente base escolarizada ou científica). Portanto, aqui, compreende-se a ligação do conservadorismo a alta cultura.

¹⁴Texto original: In general, it can probably be said that the conservative does not object to coercion or arbitrary power so long as it is used for what he regards as the right purposes. He believes that if government is in the hands of decent men, it ought not to be too much restricted by rigid rules. Since he is essentially opportunist and lacks principles, his main hope must be that the wise and the good will rule—not merely by example, as we all must wish, but by authority given to them and enforced by them. Like the socialist, he is less concerned with the problem of how the powers of government should be limited than with that of who wields them; and, like the socialist, he regards himself as entitled to force the value he holds on other people. [...]When I say that the conservative lacks principles, I do not mean to suggest that he lacks moral conviction. The typical conservative is indeed usually a man of very strong moral convictions. What I mean is that he has no political principles which enable him to work with people whose moral values differ from his own for a political order in which both can obey their convictions. It is the recognition of such principles that permits the coexistence of different sets of values that makes it possible to build a peaceful society with a minimum of force. The acceptance of such principles means that we agree to tolerate much that we dislike. (HAYEK, 2011, s/p). Disponível em: https://www.press.uchicago.edu/books/excerpt/2011/hayek_constitution.html. Acesso em 25 nov. 2019.

Para Hayek é justamente a aceitação e a tolerância sobre opiniões divergentes que o conservador não compreende e nem tolera. Por fim, o que se pode afirmar sobre um conservador, é que ele se caracteriza como alguém que tem por prioridade preservar valores e princípios por ele considerados legítimos.

2.3.1.1 Reacionário

Seguindo a referência de Scruton (2007), pode-se analisar o conceito de reacionário sob o seguinte entendimento: “força de reação, que procura prender ou reverter às realizações da revolução ou da reforma que foram introduzidas no pensamento político pelos radicais filosóficos do século XIX.” (SCRUTON, 2007, p. 581). Dessa forma, o autor ainda traz a concepção sobre quem seria a pessoa reacionária, termo inclusive que foi amplamente utilizado por outros intelectuais da década de 1960 para definir Nelson Rodrigues. Segundo Scruton (2007)¹⁵, um reacionário é qualquer um que se opõe às mudanças em nome da defesa do reestabelecimento uma ordem política.

É importante salientar que um reacionário não será um revolucionário e que, ainda, isso significa diferenças muito marcantes nas características de alguém que poderia ser considerado um reacionário, como por exemplo, a nostalgia. Segundo Mark Lilla (LILLA apud. GUROVITZ, 2018), isso estaria ligado com a impossibilidade de frustrar esse saudosismo, uma vez que ele retrata uma visão sobre o passado, que remeteria a triunfos dos princípios e valores de ordem sociais e políticas que operaram de maneira satisfatória no passado, de acordo com a visão do reacionário. Enquanto para os revolucionários, segundo Lilla, a visão está mais voltada para o futuro, gerando uma esperança em concretizar mudanças nos princípios e valores, para que a ordem social e política sejam aperfeiçoadas. Entretanto, essas mudanças desejadas pelos revolucionários podem, ou não, concretizarem-se, o que torna a frustração dessa esperança uma possibilidade, uma vez que elas podem não se concretizarem, e mesmo que se concretizem, podem não ser efetivas ou mesmo melhores que os padrões já estabelecidos. Por isso o autor coloca que, “A mente do reacionário é uma mente náufraga. Onde outros veem o rio do tempo fluir como sempre fluiu, o

¹⁵Conceitos com tradução livre feita pelo autor do presente trabalho.

reacionário vê os restos do paraíso passar diante de seus olhos.” (LILLA apud GUROVITZ, 2018, s/p).

Já a diferença principal entre o reacionário e o conservador reside na moral e nas mudanças, por isso, “Reacionários não são conservadores. Essa é a primeira coisa a entender sobre eles.” (LILLA apud. GUROVITZ, 2018, s/p). Para Pollyana Batista (2018, s/p) “Eles admitem mudanças, mas desde que respeitem os valores de outrora, diferentemente dos conservadores que não querem mudanças significativas.”, considerando ainda que, com os fortes traços nacionalistas e protecionistas, a questão moral para o conceito conservador liga-se ao código estrutural social tradicional¹⁶.

Pode-se afirmar sobre um reacionário é que, o reacionário tem uma visão mais voltada para o passado, o que influencia não somente nas questões jurídicas, mas também nas questões políticas, sociais e econômicas. Helio Gurovitz (2018) explica essa diferença entre conservador e reacionário, de modo que ela residiria no:

[...] sentimento conservador (que busca “conservar” valores culturais, religiosos e familiares) quanto ao apelo reacionário (que busca voltar a um passado anterior não apenas à fantasia marxista, mas até ao Iluminismo e ao Renascimento, conspurcadores da comunhão com o divino). (GUROVITZ, 2018, s/p).

Sendo assim, pode entender-se um reacionário como alguém que tem um apego ao passado, por acreditar que pelos seus próprios meios, sem a interferência do governo, seria interessante que determinados valores do passado fossem retomados, pois para ele esses princípios em questão teriam uma legitimidade maior que os valores progressistas. Poderia se dizer que o reacionário seria um revolucionário às avessas: um passado ideal deveria ser trazido para o presente.

Portanto, contrapondo o que Durval Muniz de Albuquerque Júnior coloca, que “Um reacionário se define por sua posição diante da mudança, da transformação, da descontinuidade social, cultural e histórica.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2018, s/p)¹⁷, ou seja, Nelson Rodrigues não se encaixaria dentro dessa definição, pois como o próprio Nelson Rodrigues se colocava: “Sou reacionário sim. Reajo contra tudo que

¹⁶ Compreende-se tradicional como o conjunto de valores e princípios estabelecidos ao longo dos anos em convívio em sociedade ligados aos preceitos religiosos e familiares já demarcados socialmente como aceitos.

¹⁷ Disponível em: <https://jornalggn.com.br/artigos/como-identificar-um-reacionario/>. Acesso em 28 nov. 2019.

não presta, na minha opinião.”¹⁸; isto é, um reacionário compreende-se por determinados fatores que não necessariamente se encaixariam com o ‘reacionário’¹⁹ de Nelson Rodrigues.

2.4 AS CRÔNICAS

Enquanto cronista, Nelson Rodrigues apresenta-se hiperbólico, provocador e irônico. Sem lançar mão da fantasia, em textos carregados de emoção e referências históricas, o autor se revela e se expõe de maneira despudorada realizando um diagnóstico da sociedade brasileira e reafirmando que a vida como ela é está saturada de filosofia.

Com o intuito de trazer à luz das ideias os conceitos precedentemente citados a partir do contexto proposto, o corpus deste trabalho foi limitado a duas crônicas de Nelson Rodrigues. Os textos selecionados foram publicados pela primeira vez na coluna “*As confissões de Nelson Rodrigues*”, que este autor assinava na página dois de *O Globo*, e foram republicados no livro *A Cabra Vadia*, coletânea com crônicas selecionadas pelo jornalista Ruy Castro que foram escritas entre janeiro e outubro de 1968. A primeira intitula-se “*O ex-covarde*” e foi publicada no dia 14 de janeiro de 1968; a segunda intitula-se “*Os idiotas da objetividade*” e foi publicada no dia 22 de fevereiro de 1968. As publicações completas constam em anexo²⁰.

Cabe mencionar que Nelson Rodrigues costumava dizer que, sem suas repetições, não era nada. O autor autodenomina-se um obsessivo e declara que a repetição é a melhor figura de retórica: para tornar um assunto conhecido e para mostrar às pessoas ideias e valores nos quais o escritor acredita, é necessário que isso seja repetido várias vezes. Afirmando sua repetitividade com o maior despudor e sem o menor escrúpulo, Nelson Rodrigues declarava que as coisas que eram ditas apenas uma vez morreriam inéditas.

¹⁸Segundo o Itaú Cultural: “Essa conclusão é reafirmada pelo próprio Nelson. Em entrevista a Otto Lara Resende, Nelson definiu o que significava para si o termo “reacionário”: “A reação a tudo o que não presta, na minha opinião”. Disponível em: https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nelson-rodrigues/polemica-como-principio/?content_link=3. Acesso em 30 nov. 2019.

¹⁹Reacionário neste caso está relacionado ao verbo reagir, de ter uma reação, e não ao conceito apresentado dentro do sub item 2.3.1.1.

²⁰Ver as crônicas na íntegra que constam na página 40 (*O ex-covarde*) e página 44 (*Os idiotas da objetividade*).

De vez em quando, alguém me chama de "flor de obsessão". Não protesto, e explico: — não faço nenhum mistério dos meus defeitos. Eu os tenho e os prezo [...]. Sou um obsessivo. E, aliás, que seria de mim, que seria de nós, se não fossem três ou quatro idéias fixas? Repito: — não há santo, herói, gênio ou pulha sem idéias fixas. Só os imbecis não as têm. (RODRIGUES, 1995, p. 62).

Nesse cenário, pode-se ressaltar que, mesmo que implicitamente, é possível observar determinadas 'idéias fixas' do autor na generalidade das crônicas publicadas durante determinados períodos. Diante disso, voltou-se o olhar para as crônicas supracitadas por tratarem-se de textos nos quais Nelson Rodrigues transfigura acontecimentos vistos ou vivenciados ao longo de sua vida onde e, a partir destes, é possível extrair todo o material necessário para anteder a demanda proposta neste trabalho, afinal, conforme será visto mais afrente, o autor admite na crônica "O *ex-covarde*" que essas dores e ocorrências moldaram-no.

3 ANÁLISE

A análise foca nos conceitos de conservador e reacionário, de modo que serão abordados por meio de trechos de duas crônicas de 1968 para demonstrar a forma com que esses conceitos são apresentados dentro da obra de Nelson Rodrigues. Os excertos apresentados neste capítulo irão questionar a forma com que os conceitos de conservador e reacionário podem ser compreendidos na escrita rodrigueana.

A primeira crônica selecionada foi publicada em 14 de janeiro 1968 e intitulada como *O ex-covarde*. Nela, o autor reproduz uma suposta conversa com o colega e amigo Marcelo Soares de Moura na redação de *O GLOBO*. Essa publicação perpassa pelo campo político e social da época, além de permear por diversas tragédias ocorridas na vida do autor, culminando em uma conclusão a respeito da relação entre conhecimento e coragem.

Nela, Nelson Rodrigues apresenta o questionamento feito a ele por ter concebido a política como temática de muitas de suas obras e críticas:

Entro na redação e o Marcello Soares de Moura me chama. Começa: — "Escuta aqui, Nelson. Explica esse mistério". Como havia um mistério, sentei-me. Ele começa: — "Você, que não escrevia sobre política, por que é que agora só escreve sobre política?". Puxo um cigarro, sem pressa de responder. Insiste: — "Nas suas peças não há uma palavra sobre política. Nos seus romances, nos seus contos, nas suas crônicas, não há uma palavra sobre política. E, de repente, você começa suas confissões. É um violino de uma corda só. Seu assunto é só política. Explica: — Por quê?". (RODRIGUES, 1995, p. 13).

Em outro trecho, mais a frente nesta mesma crônica, Nelson Rodrigues justifica e responde ao questionamento:

(...) Disse-lhe que, hoje, é muito difícil não ser canalha. Por toda parte, só vemos pulhas. E nem se diga que são pobre seres anônimos, obscuros, perdidos na massa. Não. Reitores, professores, sociólogos, intelectuais de todos os tipos, jovens e velhos, mocinhas e senhoras. E também os jornais e as revistas, o rádio e a TV. Quase tudo e quase todos exalam abjeção. (...) "Todas as pressões trabalham para o nosso aviltamento pessoal e coletivo." E por que essa moessa de pulhas invade a vida brasileira? Claro que não é de graça, nem por acaso. O que existe, por trás de tamanha degradação, é o medo. (...) — Eu fui, por muito tempo, um pusilânime como os reitores, os professores, os intelectuais, os grã-finos etc. etc. Na guerra, ouvi um comunista dizer, antes da invasão da Rússia: — 'Hitler é muito mais revolucionário do que a Inglaterra'. E eu, por covardia, não disse nada. Sempre achei que a história da Grande Revolução, que o dr. Alceu chama de 'o maior acontecimento do século XX', sempre achei que essa história era um gigantesco mural de sangue e excremento. Em vida de Stalin, jamais usei um suspiro contra ele. Por medo, aceitei o pacto germano-soviético. Eu sabia que a Rússia era a

antipessoa, o anti-homem. Achava que o Capitalismo, com todos os seus crimes, ainda é melhor do que o Socialismo e sublinho: — do que a experiência concreta do Socialismo. (RODRIGUES, 1995, p.14).

O que Nelson Rodrigues apresenta com sua crítica é que, o fato de tocar justamente no assunto política o transformou em um ‘ex-covarde’, pois ele menciona o tema no momento mais conturbado da história política e social do Brasil em um período onde havia um “patrolhismo político” muito presente. Além do aspecto político e social, Nelson Rodrigues se coloca como um “ex-covarde” a partir de suas experiências trágicas; o autor percebe a precariedade da vida e perde o medo de sofrer, abandona o medo de dizer a verdade e desagradar:

Falei do meu pai, dos meus irmãos e vou falar também de mim.
Aos 51 anos, tive uma filhinha que, por vontade materna, chama-se Daniela. Nasceu linda. Dois meses depois, a avó teve uma intuição. Chamou o dr. Sílvio Abreu Fialho. Este veio, fez todos os exames. Depois, desceu comigo. Conversamos na calçada do meu edifício. Ele foi muito delicado, teve muito tato. Mas disse tudo. Minha filha era cega.
Eis o que eu queria explicar a Marcelo: — depois de tudo que contei, o meu medo deixou de ter sentido. Posso subir numa mesa e anunciar de frente alta: — “Sou um ex-covarde”. É maravilhoso dizer tudo. Para mim, é de um ridículo abjeto ter medo das Esquerdas, ou do Poder Jovem, ou do Poder Vermelho ou de Mao Tsé-tung, ou de Guevara. Não trapaceio comigo, nem com os outros. Para ter coragem precisei sofrer muito. Mas a tenho. (RODRIGUES, 1995, p. 16).

Sua crítica reside no seguinte problema ético: quanto mais medo sentimos, mais mentimos. Um dos medos de Nelson Rodrigues parecia que era o de ser condenado pela esquerda de sua época; esse medo limitador desapareceu e o autor se assume como um “reacionário”. Quando Nelson Rodrigues se posiciona ele se coloca ‘de frente’ a tudo que discorda, sejam ‘direitas ou esquerdas’, e fazer isso em 1968 é um ato de coragem. O autor considera obrigatório dizer a verdade, pelo menos como forma de reconhecimento de nossa miséria e abandono. Conforme afirma Sábato Magaldi, “Nelson Rodrigues foi reacionário **apenas** na medida em que não aceitou a submissão do indivíduo a qualquer regime totalitário” (MAGALDI, 2004, p. 185 – ênfase do pesquisador), rendendo críticas de autores totalmente alinhados à esquerda.

Em consonância com a postura adotada por Nelson Rodrigues, conforme afirma Alfonso Berardinelli (2016), o escritor que consegue compreender melhor e descrever com maior precisão os fenômenos políticos que abarcaram milhões de

peças é considerado um traidor, um desertor ou um intruso, tanto pelos “profissionais da política” quanto pelos “profissionais da literatura”:

Quando se deseja sucesso, ser um verdadeiro escritor político não é conveniente, visto que acabará por não ser considerado nem um verdadeiro escritor nem um verdadeiro político. Direita e esquerda, neste caso, unem-se alegremente para negar a evidência desde que os estraga-prazeres fiquem de fora da festa. (BERARDINELLI, 2016, p. 76).

Tais relações levam a indagar o conceito de reacionário apresentado e utilizado pelos intelectuais da época para definir Nelson Rodrigues, em que a concepção pode estar deturpada da definição apresentada anteriormente, e que consta no ‘Dicionário de pensamentos políticos’²¹ de Scruton (2007), tal como Hélio Pellegrino, que afirmava que Nelson Rodrigues era um reacionário:

Agora, formalmente, do ponto de vista dos figurinos, eu poderia dizer que Nelson era politicamente um reacionário. Ele, inclusive, teve uma simpatia pelo poder militar. [...] E deu durante um certo tempo apoio ao poder militar. Nesse sentido, formalmente, nós poderíamos dizer que Nelson teria sido politicamente um homem reacionário. (PELLEGRINO, 1984 apud RODRIGUES, 1993, p. 239).

Não obstante, Abdias do Nascimento apresenta uma visão declaradamente oposta àquela apresentada por Pellegrino (1984 apud MAGALDI, 1993, p. 239). Em suas afirmações, Nascimento aponta que Nelson Rodrigues deveria ser considerado alguém que se coloca contra as posições reconhecidamente de extrema direita, conforme o trecho a seguir:

A denúncia social e racial de Nelson Rodrigues era muito avançada em relação a seu tempo. Expondo e ironizando a hipocrisia da sociedade convencional brasileira, ele realçava que sua obsessão com uma falsa moralidade não passava de uma imoralidade. O mesmo critério ele aplicava à questão racial: retratando, e levando às últimas consequências, os estereótipos racistas cultivados pela nossa “democracia racial”, Nelson demolia as absurdas pretensões à harmonia racial dessa mesma classe dominante, a qual oprime e discrimina o negro até hoje. [...] Até muitos dos nossos autodenominados “progressistas” enganavam-se com a sutileza do estilo irônico de Nelson, rotulando-o de reacionário, e assim exibindo ingenuamente sua própria convencionalidade. Aderiram, na verdade, às mesmas convenções elitistas ironizadas pelo escritor. Fato irônico que faz justiça poética à contundente crítica social desse genial autor. (NASCIMENTO, 1986 apud PELLEGRINO, 1993, p. 209).

²¹Título apresentado com tradução livre pelo pesquisador.

Assim, o próprio Nelson Rodrigues ao receber a denominação de reacionário, a aceita ironicamente para si, conforme ele mesmo esclarece: “Digo que sou reacionário e as pessoas acreditam. Será que vou ter de pôr uma placa explicando: - ‘Isso é uma piada’? O que eu sou, profundamente, é um libertário.” (RODRIGUES, 2002, p. 143).

A ironia de Nelson Rodrigues era presente em todas as suas obras de forma direta ou indireta, a sua forma de escrever demonstrava uma visão do mundo mais crítica e ácida sobre as concepções construídas em sua época. O autor também apresenta essa criticidade na sua crônica *Os Idiotas da Objetividade*, publicada em 22 de fevereiro de 1968 na página dois do jornal *O Globo*, em que o autor inicia relatando seu trabalho como jornalista mostrando-se incomodado com o que considerava uma “desliteraturalização”²² da imprensa escrita e, alinhando argumentos e fatos contra a objetividade, Nelson Rodrigues assume uma postura conservadora. Nesse texto, o autor trouxe um assunto interno dos jornais: a redação exigia objetividade na narrativa jornalística dos fatos relatados. A partir de suas reflexões, o jornalista fez um protesto contra o modo como o fato era narrado ao leitor, posicionando-se como escritor que considerava imprescindível preservar a particularidade, o tom e a linguagem mais “literária” da escrita:

Tinha treze anos quando me iniciei no jornal, como repórter de polícia. Na redação não havia nada da aridez atual e pelo contrário: — era uma cova de delícias. O sujeito ganhava mal ou simplesmente não ganhava. Para comer, dependia de um vale utópico de cinco ou dez mil-réis. Mas tinha a compensação da glória. Quem redigia um atropelamento julgava-se um estilista. E a própria vaidade o remunerava. Cada qual era um pavão enfático. Escrevia na véspera e no dia seguinte via-se impresso, sem o retoque de uma vírgula. Havia uma volúpia autoral inenarrável. E nenhum estilo era profanado por uma emenda, jamais. (RODRIGUES, 1995, p. 46).

A crítica de Nelson Rodrigues vem em relação ao fato de que, a partir do ano de 1926 nos Estados Unidos, os jornais iniciaram um processo no sentido de se tornarem mais referenciais, não assumindo explicitamente posições políticas e ideológicas. Há duas concepções sobre a origem da ‘neutralidade’, para Michael Schudson (apud ROXO, 2018, p.10), a primeira que estaria ligada a essa origem da tal “neutralidade” seria atribuída por alguns autores a interesses comerciais e à necessidade de atingir cada vez mais um público heterogêneo. Enquanto outros

²²Compreende-se como divisão entre a escrita jornalística que apresentava a opinião e a escrita que apresentava a informação sobre os acontecimentos. Com base em Marcelo Lima (2014).

afirmam que, há, além disso, uma segunda concepção relacionada a elementos de uma cultura, de uma maneira de olhar e que isso não se reduzia totalmente a interesses comerciais. Não obstante, Nelson Rodrigues apresenta um conceito puramente próprio dele, colocando em controvérsia os dois primeiros já citados, ao dizer que:

Havia na imprensa uma massa de analfabetos. Saíam as coisas mais incríveis. Lembro-me de que alguém, num crime passional, terminou assim a matéria: — "E nem um govinho ornava a cova dela". Dirão vocês que esse fecho de ouro é puramente folclórico. Não sei e talvez. Mas saía coisa parecida. E o Pompeu trouxe para cá o que se fazia nos Estados Unidos — o *copydesk*. [...] Rapidamente, os nossos jornais foram atacados de uma doença grave: — a objetividade. Daí para o "idiota da objetividade" seria um passo. (RODRIGUES, 1995, p. 46).

Nessa época já havia o *copydesk*, redator que tinha por função formatar o texto de modo objetivo e normatizado, permitindo rapidez na apreensão do conteúdo da matéria. Indicando a "objetividade" como "doença grave", ele acreditava que a partir do uso dessas técnicas norte-americanas adotadas no Brasil, os textos eram esteticamente empobrecidos por meio da 'castração' da carga expressiva: uma profanação ao estilo de cada repórter. O autor reivindicou, de algum modo, a volta de um modo de escrita anteriormente utilizado, condenando a "objetividade" que a nova formatação de matérias, nas últimas décadas, tornou obrigatória. Vale destacar a definição dada por Gilberto Freyre a respeito do 'jornalismo literário', que justamente aponta as questões que Nelson Rodrigues já defendia:

Por jornalismo literário não se deve entender o jornalismo que se ocupa de assuntos literários; e sim o que se caracteriza pela potência literária do jornalista-escritor. Um característico relativamente fácil de ser captado: contanto que se dê tempo ao tempo. O escritor-jornalista ou o jornalista-escritor é o que sobrevive ao jornal: ao momento jornalístico. Ao tempo jornalístico. Pode resistir à prova tremenda de passar do jornal ao livro. (FREYRE, 1973 apud MAGALDI, 1993, p. 229)

Nesse sentido, o autor pode ser considerado um conservador que, conforme citado anteriormente, remete ao comportamento de quem possui o desejo de conservar as coisas já existentes, que podem ser consideradas boas ou melhores do que as alternativas, como já mencionara Scruton em seu verbete (SCRUTON, 2007). Ou seja, ele era contrário às novas técnicas redacionais e à nova ideologia profissional, pois Nelson Rodrigues acreditava que o jornalismo precisava conter vínculos explícitos com a literatura e a política, sob pena de tornarmo-nos "impotentes de sentimento":

E o pior é que, pouco a pouco, o *copydesk* vem fazendo do leitor um outro idiota da objetividade. A aridez de um se transmite ao outro. Eu me pergunto se, um dia, não seremos nós 80 milhões de *copydesks*? Oitenta milhões de impotentes do sentimento. Ontem, falava eu do pânico de um médico famoso. Segundo o clínico, a juventude está desinteressada do amor ou por outra: — esquece antes de amar, sente tédio antes do desejo. Juventude *copydesk*, talvez. Dirá alguém que o jovem é capaz de um sentimento forte. Tem vida ideológica, ódio político. Não sei se contei que vi, um dia, um rapaz dizer que dava um tiro no Roberto Campos²³. Mas o ódio político não é um sentimento, uma paixão, nem mesmo ódio. É uma pura, vil, obtusa palavra de ordem. (RODRIGUES, 1995, p.47).

Destarte, pode-se concluir a partir das palavras de Nelson Rodrigues, que há algo que morre em nós quando vivemos só na realidade objetiva. Segundo ele, perdido na “objetividade idiota”, o jornalismo esquece que o homem não é um animal objetivo no sentido de que o que nos torna humanos é o sentimento; quando nos tornamos pessoas excessivamente objetivas e funcionais, há algo que se perde em meio a isso. Desse modo, é possível retomar o conceito de conservador em Nelson Rodrigues como um desejo de conservar o jornalismo anteriormente existente, que seria melhor do que a objetividade que passara a imperar.

Em conformidade com o pensamento de Nelson Rodrigues, Berardinelli (2016) afirma que o culto ao progresso não é, há muito tempo, um patrimônio exclusivo nem da direita e nem da esquerda. Segundo ele, é preciso ficar atento para não ser excessivamente otimista em relação a um futuro melhor: é necessário observar o que está fora de nosso *Titanic*. Berardinelli (2016) estabelece que o progresso não é tudo, para cada escolha há uma renúncia: é preciso que não haja a ilusão de que o mar no qual navegamos está totalmente sob controle.

Com efeito, diante do que foi observado nas crônicas estudadas, pode-se ressaltar que o reacionário em Nelson Rodrigues se associa a um protesto diante de tudo aquilo que o quisesse rotular, enquadrar e submeter: um servidor da liberdade por excelência. Adicionalmente, destaca-se que o conservadorismo observado na segunda crônica se relaciona com parcimônia diante do que muitos denominavam progresso.

²³Roberto de Oliveira Campos foi um escritor, economista, professor, diplomata e político brasileiro. Nelson Rodrigues fazia menção principalmente ao posicionamento de Roberto Campos, como o chama, defendia em relação à política, colocando-se como defensor da direita.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise foi possível, por meio das apreciações das crônicas, observar que em muito se diferem os conceitos apresentados pelo dicionário de Scruton (2007), e a forma com que eram utilizados pelos intelectuais para definir Nelson Rodrigues e suas obras.

Com isso, afirma-se que o objetivo maior deste trabalho, que era colocar em suspeição os conceitos de conservador e reacionário, possibilitou fazer uma reavaliação sobre o autor e a concepção que se tem sobre seus posicionamentos, tendo em vista que durante a análise das crônicas examinaram-se e revisaram-se os conceitos relacionados a Nelson Rodrigues e a sua escrita. Conforme citado anteriormente, inclusive por outros autores, conclui-se que Nelson Rodrigues era, de fato, alguém muito acima de polarizações entre ideologias ditas de direita e de esquerda.

Destarte, a investigação aponta para um posicionamento de Nelson Rodrigues como um conservador com vertentes libertárias, pois dentro de sua opinião política o autor se coloca de forma controversa em relação às ideologias de sua época. Nesse sentido, explica-se que Nelson Rodrigues poderia ser compreendido como conservador por posicionar-se contrário a determinadas mudanças, como observado pelo modo como o cronista constrói seus argumentos em *Os idiotas da objetividade*. Já em relação às vertentes libertárias, estariam ligadas ao que ele mesmo afirma: reagir a tudo que é contra, principalmente a submissão a tudo aquilo que rotula e limita.

Nesse cenário, Nelson Rodrigues era considerado um anti-intelectual porque não servia exatamente a uma ideologia na qual ele se considerasse engajado. O autor era um intelectual solitário, ligado fortemente ao jornalismo, e nesse sentido era menos respeitado pela intelectualidade acadêmica, era considerado um escritor de segunda escala pelos críticos da época. Possivelmente isso tenha contribuído para o insucesso dele com a esquerda brasileira.

Uma vez que ele não se aliava especificamente a nenhum grupo, muitas vezes ele se posicionava contra o que ele considerava uma cegueira intelectual que acomete um pensamento de grupo, que mal raciocina sobre o que está falando: a “burrice da unanimidade”.

Portanto, o epíteto de reacionário vem de uma reação a tudo que Nelson Rodrigues era contrário, e não a um posicionamento ultradireitista como o acusavam, por supostamente privilegiar uma determinada configuração do Estado e das Instituições ligadas ao Regime, principalmente por apresentar uma visão mais ampla e dialógica sobre as questões relacionadas a esquerda e a direita, olhando para o mundo de uma maneira não dicotomizante.

Ademais, justamente pelo cronista apresentar uma visão mais ampla sobre a esquerda e a direita, não foi possível por meio das crônicas analisadas identificar algum ponto específico que determine que Nelson Rodrigues era um pensador ligado aos ideais da direita brasileira da década de 1960.

Diante disso, os conceitos de conservador e de reacionário, atribuídos a Nelson Rodrigues pelos intelectuais de seu tempo, puderam ser reavaliados por apresentarem ambiguidades nas colocações e nas percepções que podem ser assimiladas a partir dos textos do escritor e de suas colocações. No que diz respeito ao posicionamento perante o regime militar no Brasil naquela época, não é possível realizar qualquer associação a partir das crônicas supracitadas, já que nelas a visão transparecida ultrapassa os juízos político-partidários.

Por meio do percurso realizado neste trabalho, espero ter contribuído para um melhor entendimento a respeito dos posicionamentos do autor dentro do contexto maior em que o Brasil e o mundo estavam inseridos à época. Para análises mais profundas, com *corpus* maiores de crônicas, indica-se trabalhos futuros nessa área.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Como identificar um reacionário**. Jornal GGN. São Paulo: Horia Consultoria em negócios Eireli. 2018. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/artigos/como-identificar-um-reacionario/>. Acesso em 28 nov. 2019.

AZEVEDO, Reinaldo. **À moda Elio Gaspari, um e-mail do além: de Pasolini para Duvivier**. São Paulo: Folha de São Paulo. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/reinaldoazevedo/2016/09/1811548-a-moda-elio-gaspari-um-e-mail-do-alem-de-pasolini-para-duvivier.shtml>. Acesso em: 10 nov. 2019.

BATISTA, Pollyana. **Entenda a diferença entre conservador, liberal e reacionário**. Estudo Prática. São Paulo: Estudo Prático - iHaa Network. 2018. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/entenda-a-diferenca-entre-conservador-liberal-e-reacionario/>. Acesso em: 15 nov. 2019.

BERARDINELI, Alfonso. *Escritores e política*. In: BERARDINELI, Alfonso. **Direita e esquerda na literatura**. Tradução de Pedro Fonseca. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2016.

CASTRO, Ruy. **O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GODOY, Alexandre Pianelli. **Nelson Rodrigues: O Fracasso do Moderno no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2012.

GUROVITZ, Helio. **A diferença entre liberal, conservador e reacionário**. Época. Rio Janeiro: Época Globo. 2018. Disponível em: <https://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/helio-gurovitz/noticia/2016/10/diferenca-entre-liberal-conservador-e-reacionario.html>. Acesso em: 15 nov. 2019.

HABERMAS, Jünger. **A constelação Pós-Nacional: Ensaio Político**. São Paulo: Littera Mundi. 2001.

HAYEK, Friedrich A. **Por que não sou conservador**. Mises Brasil. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises Brasil. 2016. Disponível em: <https://www.mises.org.br/article/2375/por-que-nao-sou-conservador>. Acesso em: 18 nov. 2019.

HAYEK, Friedrich A. **Why I am Not a Conservative**. Chicago University. Chicago: The University of Chicago Press Books. 2011. Disponível em:

https://www.press.uchicago.edu/books/excerpt/2011/hayek_constitution.html. Acesso em: 25 nov. 2019.

ISTO É. **Especial/Como foi o Maio de 1968 na Itália?** São Paulo, n2603. v.14/11. 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/especial-como-foi-o-maio-de-1968-na-italia/>. Acesso 17 nov. 2019.

LIMA, Marcelo. **Jornalismo cultural e crítica: a literatura brasileira no suplemento mais!** São Paulo: Argos, 2014.

RODRIGUES, Nelson. **Teatro Completo: volume único.** MAGALDI, Sábato (org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.

MAGALDI, Sábato. **Teatro da obsessão: Nelson Rodrigues.** São Paulo: Global, 2004.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. **Passeata dos Cem Mil Afronta a Ditadura.** 2015 - 2017. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/passeata-dos-cem-mil-afronta-a-ditadura>. Acesso em: 10 nov. 2019.

MÜLLER-DOOHM, Stefan. **Habermas: a Biography.** Translated by Daniel Steuer. Cambridge: Polity, 2016.

NASSIF, Luis. **Nelson Rodrigues: Reacionário ou libertário?** Jornal GGN. São Paulo: Horia Consultoria em negócios Eireli. 2012. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/cultura/nelson-rodrigues-reacionario-ou-libertario/>. Acesso em: 18 nov. 2019.

OCUPAÇÃO Nelson Rodrigues. Produção de **Itaú Cultural.** São Paulo: Gasolina Filmes, 2012. 96 vídeos (3 min cada). Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nelson-rodrigues/> e <https://www.youtube.com/watch?v=HV4Zqy3GARl&list=PLDDECB2453A8E7BDB&index=96>. Acesso em: 20 out. 2019.

PASOLINI, Pier Paolo. **Il Pci ai giovani.** L' Espresso – Temi Rpubblica. Disponível em: http://temi.repubblica.it/espresso-il68/1968/06/16/il-pci-ai-giovani/?printpage=undefined&refresh_ce. Acesso em: 10 nov. 2019.

PONDÉ, Luiz Felipe. **A filosofia da adúltera: ensaios selvagens.** São Paulo: LeYa, 2013.

RODRIGUES, Nelson. **Pouco amor não é amor.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RODRIGUES, Nelson. **A cabra vadia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROXO, Luciana de Alcantara. Jornalismo, jornalistas e notícias: uma revisão teórica de conceitos em constante reinvenção. *In*: 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 13., 2018. Joinville. **Anais...** Joinville: INTERCOM, 2018, p 1 - 13. Disponível:

<<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1662-1.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2019.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCRUTON, Roger. **The Palgrave Macmillan Dictionary of political thought**. 3 ed. New York. 2007.

SCHUDSON, Michael. **The objectivity norm in American journalism**. *Journalism*, v. 2, n. 2, 2001, p. 149-170. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/146488490100200201?related-urls=yes&legid=spjou%3B2%2F2%2F149&ssource=mfc&rss=1>. Acesso em: 21 nov. 2019.

SEVENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil – volume 4**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

TILLY, Charles. **Coerção, Capital e Estados Europeus**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1996.

VENTURA, Zuenir. **1968 – o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

ANEXOS

ANEXO A

CRÔNICA O EX-COVARDE NA ÍNTEGRA

O EX-COVARDE

Entro na redação e o Marcello Soares de Moura me chama. Começa: — “Escuta aqui, Nelson. Explica esse mistério”. Como havia um mistério, sentei-me. Ele começa: — “Você, que não escrevia sobre política, por que é que agora só escreve sobre política?”. Puxo um cigarro, sem pressa de responder. Insiste: — “Nas suas peças não há uma palavra sobre política. Nos seus romances, nos seus contos, nas suas crônicas, não há uma palavra sobre política. E, de repente, você começa suas *confissões*. É um violino de uma corda só. Seu assunto é só política. Explica: — Por quê?”.

Antes de falar, procuro cinzeiro. Não tem. Marcello foi apanhar um duas mesas adiante. Agradeço. Calco a brasa do cigarro no fundo do cinzeiro. Digo: — “É uma longa história”. O interessante é que outro amigo, o Francisco Pedro do Coutto, e um outro, Permínio Ásfora, me fizeram a mesma pergunta. E, agora, o Marcello me fustigava: — “Por quê?”. Quero saber: — “Você tem tempo ou está com pressa?”. Fiz tanto suspense que a curiosidade do Marcello já estava insuportável.

Começo assim a “longa história”: — “Eu sou um ex-covarde”. O Marcello ouvia só e eu não parei mais de falar. Disse-lhe que, hoje, é muito difícil não ser canalha. Por toda a parte, só vemos pulhas. E nem se diga que são pobres seres anônimos, obscuros, perdidos na massa. Não. Reitores, professores, sociólogos, intelectuais de todos os tipos, jovens e velhos, mocinhas e senhoras. E também os jornais e as revistas, o rádio e a TV. Quase tudo e quase todos exalam abjeção.

Marcello interrompe: — “Somos todos abjetos?”. Acendo outro cigarro: — “Nem todos, claro”. Expliquei-lhe o óbvio, isto é, que sempre há uma meia dúzia que se salva e só Deus

sabe como. “Todas as pressões trabalham para o nosso aviltamento pessoal e coletivo.” E por que essa massa de pulhas invade a vida brasileira? Claro que não é de graça, nem por acaso.

O que existe, por trás de tamanha degradação, é o medo. Por medo, os reitores, os professores, os intelectuais são montados, fisicamente montados, pelos jovens. Diria Marcelo que estou fazendo uma caricatura até grosseira. Nem tanto, nem tanto. Mas o medo começa nos lares, e dos lares passa para a igreja, e da igreja passa para as universidades, e destas para as redações, e daí para o romance, para o teatro, para o cinema. Fomos nós que fabricamos a “Razão da Idade”. Somos autores de impostura e, por medo adquirido, aceitamos a impostura como a verdade total.

Sim, os pais têm medo dos filhos, os mestres dos alunos. E o medo é tão criminoso que, outro dia, seis ou sete universitários curraram uma colega. A menina saiu de lá de maca, quase de rabeção. No hospital, sofreu um tratamento que foi quase outro estupro. Sobreviveu por milagre. E ninguém disse nada. Nem reitores, nem professores, nem jornalistas, nem sacerdotes, ninguém exalou um modestíssimo pio. Caiu sobre o jovem estupro todo o silêncio da nossa pusilanimidade.

Mas preciso pluralizar. Não há um medo só. São vários medos, alguns pueris, idiotas. O medo de ser reacionário ou de parecer reacionário. Por medo das esquerdas, grã-finas e milionários fazem poses socialistas. Hoje, o sujeito prefere que lhe xinguem a mãe e não o chamem de reacionário. É o medo que faz o dr. Alceu renegar os 2 mil anos da Igreja e pôr nas nuvens a “Grande Revolução” russa. Cuba é uma Paquetá. Pois essa Paquetá dá ordens a milhares de jovens brasileiros. E, de repente, somos ocupados por *vietcongs*, cubanos, chineses. Ninguém acusa os jovens e ninguém os julga, por medo. Ninguém quer fazer a “Revolução Brasileira”. Não se trata de Brasil. Numa das passeatas, propunha-se que se fizesse do Brasil o Vietnã. Por que não fazer do Brasil o próprio Brasil? Ah, o Brasil não é uma pátria, não é uma nação, não é um povo, mas uma paisagem. Há também os que o negam até como valor plástico.

Eu falava e o Marcelo não dizia nada. Súbito, ele interrompe: — “E você? Por que, de repente, você mergulhou na política?”. Eu já fumara, nesse meio tempo, quatro cigarros. Apanhei mais um: — “Eu fui, por muito tempo, um pusilânime como os reitores, os professores, os intelectuais, os grã-finos etc. etc.

Na guerra, ouvi um comunista dizer, antes da invasão da Rússia: — ‘Hitler é muito mais revolucionário do que a Inglaterra’. E eu, por covardia, não disse nada. Sempre achei que a história da *Grande Revolução*, que o dr. Alceu chama de ‘o maior acontecimento do século xx, sempre achei que essa história era um gigantesco mural de sangue e excremento. Em vida de Stalin, jamais ousei um suspiro contra ele. Por medo, aceitei o pacto germano-soviético. Eu sabia que a Rússia era a antipessoa, o anti-homem. Achava que o Capitalismo, com todos os seus crimes, ainda é melhor do que o Socialismo e sublinho: — do que a experiência concreta do Socialismo’.

Tive medo, ou vários medos, e já não os tenho. Sofri muito na carne e na alma. Primeiro, foi em 1929, no dia seguinte ao Natal. Às duas horas da tarde, ou menos um pouco, vi meu irmão Roberto ser assassinado. Era um pintor de gênio, uma espécie de Rimbaud plástico, e de uma qualidade humana sem igual. Morreu errado ou, por outra, morreu porque era “filho de Mário Rodrigues”. E, no velório, sempre que alguém vinha abraçar meu pai, meu pai soluçava: — “Essa bala era para mim”. Um mês depois, meu pai morria de pura paixão. Mais alguns anos e meu irmão Joffre morre. Éramos unidos como dois gêmeos. Durante quinze dias, no Sanatório de Correias, ouvi a sua dispnéia. E minha irmã Dorinha. Sua agonia foi leve como a euforia de um anjo. E, depois, foi meu irmão Mario Filho. Eu dizia sempre: — “Ninguém no Brasil escreve como meu irmão Mario”. Teve um enfarte fulminante. Bem sei que, hoje, o morto começa a ser esquecido no velório. Por desgraça minha, não sou assim. E, por fim, houve o desabamento de Laranjeiras. Morreu meu irmão Paulinho e, com ele, sua esposa Maria Natália, seus dois filhos, Ana Maria e Paulo Roberto, a sua sogra, d. Marina. Todos morreram, todos, até o último vestígio.

Falei do meu pai, dos meus irmãos e vou falar também de mim. Aos 51 anos, tive uma filhinha que, por vontade materna, chama-se Daniela. Nasceu linda. Dois meses depois, a avó teve uma intuição. Chamou o dr. Sílvio Abreu Fialho. Este veio, fez todos os exames. Depois, desceu comigo. Conversamos na calçada do meu edifício. Ele foi muito delicado, teve muito tato. Mas disse tudo. Minha filha era cega.

Eis o que eu queria explicar a Marcelo: — depois de tudo que contei, o meu medo deixou de ter sentido. Posso subir nu-

ma mesa e anunciar de frente alta: — “Sou um ex-covarde”. É maravilhoso dizer tudo. Para mim, é de um ridículo abjeto ter medo das Esquerdas, ou do Poder Jovem, ou do Poder Velho ou de Mao Tsé-tung, ou de Guevara. Não trapaceio comigo, nem com os outros. Para ter coragem, precisei sofrer muito. Mas a tenho. E se há rapazes que, nas passeatas, carregam cartazes com a palavra “*Muerte*”, já traindo a própria língua; e se outros seguem as instruções de Cuba; e se outros mais querem odiar, matar ou morrer em espanhol — posso chamá-los, sem nenhum medo, de “jovens canalhas”.

[14/1/1968]

ANEXO B

CRÔNICA OS IDIOTAS DA OBJETIVIDADE NA ÍNTEGRA

OS IDIOTAS DA OBJETIVIDADE

Sou da imprensa anterior ao *copy desk*. Tinha treze anos quando me iniciei no jornal, como repórter de polícia. Na redação não havia nada da aridez atual e pelo contrário: — era uma cova de delícias. O sujeito ganhava mal ou simplesmente não ganhava. Para comer, dependia de um vale utópico de cinco ou dez mil-réis.

Mas tinha a compensação da glória. Quem redigia um atropelamento julgava-se um estilista. E a própria vaidade o remunerava. Cada qual era um pavão enfático. Escrevia na véspera e no dia seguinte via-se impresso, sem o retoque de uma vírgula. Havia uma volúpia autoral inenarrável. E nenhum estilo era profanado por uma emenda, jamais.

Durante várias gerações foi assim e sempre assim. De repente, explodiu o *copy desk*. Houve um impacto medonho. Qualquer um na redação, seja repórter de setor ou editorialista, tem uma sagrada vaidade estilística. E o *copy desk* não respeitava ninguém. Se lá aparecesse um Proust, seria reescrito do mesmo jeito. Sim, o *copy desk* instalou-se como a figura demoníaca da redação.

Falei no demônio e pode parecer que foi o Príncipe das Trevas que criou a nova moda. Não, o abominável Pai da Mentira não é o autor do *copy desk*. Quem o lançou e promoveu foi Pompeu de Sousa. Era ainda o *Diário Carioca*, do Senador, do Danton. Não quero ser injusto, mesmo porque o Pompeu é meu amigo. Ele teve um pretexto, digamos assim, histórico, para tentar a inovação.

Havia na imprensa uma massa de analfabetos. Saíam as coisas mais incríveis. Lembro-me de que alguém, num crime passionai, terminou assim a matéria: — “E nem um govinho ornava

a cova dela”. Dirão vocês que esse fecho de ouro é puramente folclórico. Não sei e talvez. Mas saía coisa parecida. E o Pompeu trouxe para cá o que se fazia nos Estados Unidos — o *copy desk*.

Começava a nova imprensa. Primeiro, foi só o *Diário Carioca*; pouco depois, os outros, por imitação, o acompanharam. Rapidamente, os nossos jornais foram atacados de uma doença grave: — a objetividade. Daí para o “idiota da objetividade” seria um passo. Certa vez, encontrei-me com o Moacir Werneck de Castro. Gosto muito dele e o saudei com a mais larga e cálida efusão. E o Moacir, com seu perfil de lord Byron, disse para mim, risonhamente: — “Eu sou um idiota da objetividade”.

Também Roberto Campos, mais tarde, em discurso, diria: — “Eu sou um idiota da objetividade”. Na verdade, tanto Roberto como Moacir são dois líricos. Eis o que eu queria dizer: — o idiota da objetividade inunda as mesas de redação e seu autor foi, mais uma vez, Pompeu de Sousa. Aliás, devo dizer que o *copy desk* e o idiota da objetividade são gêmeos e um explica o outro.

E toda a imprensa passou a usar a palavra “objetividade” como um simples brinquedo auditivo. A crônica esportiva via times e jogadores “objetivos”. Equipes e jogadores eram condenados por falta de objetividade. Um exemplo da nova linguagem foi o atentado de Toneleros. Toda a nação tremeu. Era óbvio que o crime trazia, em seu ventre, uma tragédia nacional. Podia ser até a guerra civil. Em menos de 24 horas o Brasil se preparou para matar ou para morrer.

E como noticiou o *Diário Carioca* o acontecimento? Era uma catástrofe. O jornal deu-lhe esse tom de catástrofe? Não e nunca. O *Diário Carioca* nada concedeu à emoção nem ao espanto. Podia ter posto na manchete, e ao menos na manchete, um ponto de exclamação. Foi de uma casta, exemplar objetividade. Tom estrita e secamente informativo. Tratou o drama histórico como se fosse o atropelamento do Zezinho, ali da esquina.

Era, repito, a implacável objetividade. E, depois, Getúlio deu um tiro no peito. Ali estava o Brasil, novamente, cara a cara com a guerra civil. E que fez o *Diário Carioca*? A aragem da tragédia soprou nas suas páginas? Jamais. No princípio do século, mataram o rei e o príncipe herdeiro de Portugal. (Segundo me diz o luso Álvaro Nascimento, o rei tinha o olho perdidamente azul.) Aqui, o nosso *Correio da Manhã* abria cinco

manchetes. Os tipos enormes eram um soco visual. E rezava a quinta manchete: "HORRÍVEL EMOÇÃO!". Vejam vocês: — "HORRÍVEL EMOÇÃO!".

O *Diário Carioca* não pingou uma lágrima sobre o corpo de Getúlio. Era a monstruosa e alienada objetividade. As duas coisas pareciam não ter nenhuma conexão: — o fato e a sua cobertura. Estava um povo inteiro a se desgrenhar, a chorar lágrimas de pedra. E a reportagem, sem entranhas, ignorava a pavorosa emoção popular. Outro exemplo seria ainda o assassinato de Kennedy.

Na velha imprensa as manchetes choravam com o leitor. A partir do *copy desk*, sumiu a emoção dos títulos e subtítulos. E que pobre cadáver foi Kennedy na primeira página, por exemplo, do *Jornal do Brasil*. A manchete humilhava a catástrofe. O mesmo e impessoal tom informativo. Estava lá o cadáver ainda quente. Uma bala arrancara o seu queixo forte, plástico, vital. Nenhum espanto da manchete. Havia um abismo entre o *Jornal do Brasil* e a tragédia, entre o *Jornal do Brasil* e a cara mutilada. Pode-se falar na desumanização da manchete.

O *Jornal do Brasil*, sob o reinado do *copy desk*, lembra-me aquela página célebre de ficção. Era uma lavadeira que se viu, de repente, no meio de uma baderna horrorosa. Tiro e bordoadas em quantidade. A lavadeira veio espiar a briga. Lá adiante, numa colina, viu um baixinho olhando por um binóculo. Ali estava Napoleão e ali estava Waterloo. Mas a santa mulher ignorou um e outro; e veio para dentro ensaboar a sua roupa suja. Eis o que eu queria dizer: — a primeira página do *Jornal do Brasil* tem a mesma alienação da lavadeira diante dos napoleões e das batalhas.

E o pior é que, pouco a pouco, o *copy desk* vem fazendo do leitor um outro idiota da objetividade. A aridez de um se transmite ao outro. Eu me pergunto se, um dia, não seremos nós 80 milhões de *copy desks*? Oitenta milhões de impotentes do sentimento. Ontem, falava eu do pânico de um médico famoso. Segundo o clínico, a juventude está desinteressada do amor ou por outra: — esquece antes de amar, sente tédio antes do desejo. Juventude *copy desk*, talvez.

Dirá alguém que o jovem é capaz de um sentimento forte. Tem vida ideológica, ódio político. Não sei se contei que vi, um dia, um rapaz dizer que dava um tiro no Roberto Campos. Mas o ódio político não é um sentimento, uma paixão, nem mesmo ódio. É uma pura, vil, obtusa palavra de ordem.

[22/2/1968]

ANEXO C

PASSEATA DOS CEM MIL COM CONCENTRAÇÃO EM CINELÂNDIA²⁴

²⁴Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/passeata-dos-cem-mil-afrota-a-ditadura>. Acesso em: 10 nov. 2019.

ANEXO D

JOVEM PICHANDO A FACHADO DO TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO DURANTE A PASSEATA DOS CEM MIL²⁵



²⁵Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/passeata-dos- cem-mil-afrenta-a-ditadura>. Acesso em: 10 nov. 2019.

ANEXO E

MARCHA DA FAMÍLIA COM MARCHADEIRAS COM SEUS ROSÁRIOS EM
MÃOS²⁶

²⁶Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/passeata-dos-cem-mil-afrota-a-ditadura>. Acesso em: 10 nov. 2019.

ANEXO F

NELSON RODRIGUES EM HOMENAGEM DE ALUNOS DA ESCOLA GONÇALVES DIAS²⁷

²⁷Disponível em: <https://veja.abril.com.br/galeria-fotos/nelson-rodrigues/>. Acesso em: 20 nov. 2019.